

OS LADROES DE CASACA

NO RIO DE JANEIRO

Como sabem os homens honestos, ha no Rio de Janeiro uma grande parte de ladrões que a titulo de honestos, são hypocritas, devassos e charlatães, que a cada momento nos roubão, sem dó nem misericordia, sem contemplação aos homens honestos, á casada, á viuva e á solteira: **OS LADRÕES DE CASACA** apparece á luz para profligar os vicios e os crimes

Os Ladrões de Casaca.

A corrupção que tem envolvido com o seu manto asolador a quantos vai encontrando em sua passagem que tem contaminado a tudo, abatendo a virtude e propagado a crime, a tudo leva de vencida, a tudo vai calcando aos pés!

A honra! e o que valle a honra para os *ladrões de casaca*, que olhão com escarneo ou indifferentismo, cynismo ou impavidez, para o homem honrado que recua quando os avista?

Afivelando nos rostos as mascaras de homens honrados mascaras hypocritas de que fazem uso nas ruas, e que anção longe, mal seus pés têm penetrado no theatro lde suas façanhas, os *ladrões de casaca*, não vacillão nunca! a mão jamais tremeu ao consummar um crime; as lagrimas das victimas nunca teve poder para enternecer aquelles peitos, commover aquelles instinctos, demover aquelles synistros projectos!

Os *ladrões de casaca*, são capazes de tudo!

Quantas viuvias, não estendem a descarnada mão á caridade publica, supplicando uma esmola, porque a fortuna de seu marido foi roubado por um d'esses infames, que passão na sociedade por homens honrados!

Honrados! elles que conduzirão á miseria a viuva e orfão, que prostituirão a donzella, que assassinarão o ancião para apoderarem-se de sua fortuna, que forão moedeiros falsos, para tornarem-se de improvisos milionarios!

Honrados! elles que vivem na opulencia, enquanto seus paes regão a terra com o seu suor, afim de não morrerem de fome, ou mendigão de porta em porta uma

esmola pelo amor de Deus, enquanto o filho estúpido e rico, lança ouro as mãos cheias no lupanar da prostituição, ou do jogo!

Havemos desmacaral-os; não recuaremos em nosso proposito; nada nos amedrontará: ai d'quelles a quem arrancarmos a mascara, porque estes depois de revellal-os todos os seus crimes, verão amaldiçoados os seus nomes, por esta pequena massa de homens honrados, que felizmente ainda existem!

Aos jornalistas.

A missão do jornalista, que do alto da tribuna instrue e moralisa ao povo, é por demais nobre e distincta, é uma abnegação que nunca finda!

Os melhoramentos do paiz, o bem estar do povo, o respeito as ideias religiosas, são as principaes bases em que se apoia aquelle que faz da imprensa um sacerdocio.

Nada detem o seu caminhar, as trevas não lhe interceptão a passagem, o brilhantismo da luz, não tem poder para offuscar-lhe a vista!

Denodado combatente, que peleja a favor da liberdade nenhum pelouro o amedronta, nenhum perigo o faz voltar costas ao inimigo.

É que o patriotismo lhe faz girar nas veias um sangue fervente de entusiasmo, é que a sua missão lhe foi delegada por Deus, e elle, só elle poderá fazel-o deter em seu caminhar constante!

A politica dominante do paiz, á testa da qual se acha o actual presidente do conselho, não recuou ante os ultimos extremos empregados afim de sustentar as suas ideias, e eleger as seus representantes; uma vez de posse dos seus designios, ei-los postos em pratica, ei-los todos com prepotencia vandalica, abatendo os direitos do cidadão, e conspurcando o que de mais puro encontrou em seu devastar acerno!

E deveria o jornalista crusar os braços, ante este qua-

dro horrível de carregadas côres ante este dominio de ferro que vai subjugando quasi tudo, que vai impondo leis ao povo inteiro do Brasil?

Não de certo.

O povo confiava n'elle, com os olhos fixos sobre seu vulto, acompanhava-lhe os movimentos, para amaldiçoar o caso o visse indifferente aos seus soffrimentos, para saudar-o e acompanhá-lo, se com dedicação o visse tomar a sua defesa!

E assim foi.

Na arena do jornalismo arremessou-se o lidador, falou ao povo, exhortou-o, chorou com elle a decadencia de sua patria, e repleto de enthusiasmo, envidou esforços, se não para abater a prepotencia, ao menos para fazer valler o direito de seus irmãos!

A sua missão está sendo cumprida, até quando podem clamará elle pedindo justiça, até quando supportará elle impavido o olhar de affronta que os seus inimigos lhe arremessão em face?

Vai a quem toca.

Quantos crimes se não commettem á sombra da impunidade e da audacia, audacia, que não tem pês, impunidade que não tem nome, nem qualificação.

O ministro impotente, curvado ao peso dos annos, lá vai ao lupanar, ao recinto da crapula, e ahí espalha ás mãos cheias o ouro conseguido por meios illicitos, com a barregã que ainda hontem era uma criança, e que o vicio, somente o vicio, a tornou tão cedo em uma mulher do mundo!

Elle alli vai, gosar por alguns minutos de um prazer ficticio, sensualidade que toca as raias da perversão, perversão que merece o castigo aviltante que se inflinge ao escravo desprezível.

Sigamos, sigamos, vou apontar-vos a dedo os ladrões de casaca!

As casas bancarias, quantos ladrões não aninham ellas!

As companhias de toda a especie.

As ordens terceiras.

As sociedades de beneficencia.

As repartições publicas com especialidade a alfandega.

Os rabulas.

Em conclusão, toda e qualquer industria que tenha fundos, ou que seja de facil e segura esperanza de defraudar o proximo.

Porem, os meios nunca falham: em cada negocio sempre nos achamos face a face com um tratante, em cada trato sempre somos victimas de um ladrão!

Caminhemos, caminhemos, eis ali um homem que nega uma esmolla áquelle aleijado, e que mais alem não hesita em comprar um adereço de brilhantes, para enfeitar o colo de uma franceza!

E a mulher, oh! esta cose para a rua do Hospicio, se quer apresentar-se decente á janella, ao lusco fusco da noite, porque o marido em extremo ciumento e brutal prohibe-lhe formalmente toda a convivencia com os extranhos.

E mais um ladrão de casaca, o seu numero é porem bastante grande.

Moedeiros falsos, chamarão a si toda a moeda de cobre afim de melhor poder emittir papel e valles!

O jornalismo no Brasil.

E' lastimoso o estado de atrazo da civilisação no Brasil.

A idade mélia acaba de mergulhar-se no abysmo do passado, começa a moderna; grandes e assombrosas descobertas brilham por entre as trevas da ignorancia, mas de todas a maior foi a de Guttemberg. Guttemberg inventou os typos moveis, imprensa; da imprensa nasce o jornalismo: jornalismo é a egide da sciencia e do progresso, a sciencia e o progresso, são os dous grandes fins da civilisação.

O jornalismo na Europa é um poder, uma necessidade do seculo, todos o auxilião, todos o abençoão; entretanto no Brazil contempla-se o redactor de um jornal como um especulador, chama-se o jornalismo um modo de vida!

Modos vivendi — serão todos os meios de ganhar dinheiro menos o jornalismo; porque não se pode chamar—modo de vida aquelle que leva a luz aos pobres de espirito, aos homens sem educação, que recebendo uma circular pedindo sua assignatura para um jornal devolvem-a amarrotada, sem ao menos pedirem uma desculpa de sua recusa a um dever do homem civilisado.

A honra que a redacção de um jornal dá ao cidadão a quem pede auxilio, cooperação para a empreza da promoção da civilisação, para erguer o monumento do progresso, é tomada como uma especulação para apanhar-lhe uma mesquinha quantia, menos do que cabe cada palavra do jornal.

Não se lembra o povo que a unica garantia da manutenção de sua sagrada liberdade é o jornalismo, se elle não se erguer quando forem offendidos vossos direitos de cidadão, quem os ha de defender?

Os mesquinhos obulos que alguns negão ao jornalismo, deixando assim de proteger, de cooperar para a edificação desse templo do progresso, que semelhante ao de Salomão, para elle cada um deve levar a sua pedrinha; os mesquinhos obulos que muitos negão a caridade, á viuva, ao orfão, desvalidos, sem um pão, é prodigamente dado ás mãos cheias á nojenta prostituta, á leprosa meretriz, para cobrir com sedas seu corpo chagado, para rodar de carro salpicando, lama as faces pudibundas da honra e honestidade que anda a pé calcando as lamas da nossa porca cidade!

Um ladrão de casaca conhecemos nós, negociante, estabelecido á rua do Rosario a quem mandamos pedir sua assignatura, e cobrindo o portador com improprios do homem grosseiro, sem resquicio de educação, despedio-o como procederia um analphabeto estúpido; entretanto que este homem, estabelecido a rua do Rosario nas imediações da dos Ourives—estando para casar, sustenta com todo cynismo seus namoros com uma escrava de um velho e honrado visinho: a ponto de lhe escrever cartas tendo como emblema no papel, um brasão de armas—sendo uma corôa de louros atrevessada por dous floretes, e inda mais ao lado o seu nome por extenso.

Eis a carta do pedante, com a orthographia da sua caxola.

« Sra Maria.—Não sei qual foi o motivo porque, a Sra não tem feito caso di mim. A Sra foi para Nitheroy e não foi capaz de mandar-me diser, pois eu muito me admirei, o Sra me disia que metinha amor porem o Seu amor hera so da boca para fora, é não do Coração se por acaso a Sra metivesse amor mandaria diser á onde morava, Eu foi muitas veses passear Em nitheroy, porem sempre foi infelis; nos meus passeios, desejava saber se me tendes amor ou não.

« Sou vosso

« A. L. F.

« Rio de Janeiro 1.º de Outubro de 1866. »
Alem d'esta carta, inda temos outras com dactas mais

modernas, que as publicaremos : ajuize pois o publico dos sentimentss d'esto homem de casaca. Se houver homem que duvide do que fica dito lhe mostraremos as cartas escriptas por seu proprio punho.

O coração humano.

A época actual é a época da hypocrisia. O seculo está tão viciado nas idéas, tão corrompido nos costumes, que já as faces do homem não são mais o espelho do coração.

Sondemos o homem em todas as idades. O joven até aos doze annos brinca, ri, salta, corre, chama pelo companheiro, abraça-o se lhe apresenta uma teteia, e faz-se o seu maior amigo emquanto tem que lhe ganhar. Depois de nada mais lhe poder saccar, porque nada mais tem que lhe dar, joga a pedra.

Torna-se moço, e o primeiro velhaco entre os mais velhacos.

Faz-se homem, entra no gyro do commercio, é o primeiro refinado hypocrita.

Nos homens de hoje ha um estudo muito particular. Teem para os felizes um riso sempre nas faces, nos labios sempre a lisonja. Para aquelles a quem a sorte descarregou seu golpe, que prostrou no leito um pai, um filho ou um irmão, tem o velhaco o sentimentalismo nos labios, dentro do coração ha só veneno.

O velho passa então a mais. Reveste-se de toda a desfaçatez, e redonda no mais requintado velhaco.

Tal é o coração do homem. Se vos encontra hoje, aperta-vos a mão com toda a doçura d'uma fiel amizade; mas se amanhã vos puder sugar o sangue, crava-vos o punhal no peito.

O homem de hoje é o hypocrita personalisado, é o ingrato disfarçado que morde fingindo, e um verdadeiro ladrão de casaca.

Casas bancarias.

Tocamos hoje em um assumpto novo para nós, e talvez sorprehendente para o leitor.

As casas bancarias são um jogo da fortuna.

E todos correm a segurar ali as suas fortunas; a depositar o pão de amanhã; todos vão ali sujeitar-se a uma sorte, qualquer que ella seja, o fructo de seu suor, e não olhão para a consequencia adversa que lhe pôde vir, ou mesmo ao fadario porque passam os bancos na crise actual.

Quem argumentará connosco, dizendo que as casas bancarias estão na classe das casas commerciaes?

Dir-nos-hão por ventura que se o estado da casa bancaria é um estado precario, pela mesma razão deve sel-o a casa commercial; responderemos, que a casa commercial tem certo mas curto e determinado numero de credores. Que a casa commercial por isso mesmo que se suppõe ser mais limitada aos credores, é por isso mais sujeita ao bolso dos negociante.

Mas a casa bancaria tem um numero illimitado de credores, e entre elles o menor, o que menos perda soffre é o proprio banqueiro. Mas a casa bancaria firma-se toda nos accionistas, e se um só homem, por fraude, quer ganhar, dá-se por fallido, e os accionistas perdem.

Não acontece assim com a casa commercial. Esta, se quebra, o prejuizo é de uma meia duzia de credores, se tanto e quem mais perde é o negociante fallido.

Quantas centenas ou milhares de familias não ficaram sem o pão de cada dia, reduzidos á miseria com a quebra dos bancos do Souto, Montenegro e Lima, Gomes e Filhos,

etc.? Quantos ficarão sem o pão de amanhã em uma nova crise, se por ventura a houver?

As casas bancarias são um perfeito jogo da roda da fortuna. Arrisquem e verão qual será o lucro.

A falta de trocos.

O estado lastimavel em que se achão actualmente uma grande parte das cousas publicas, tudo nos diz claramente, que vamos caminhando a passos largos para um abysmo insondavel, que a mão do desleixo, incuria e pouca reflexão nos está cavando de dia para dia, sem termos ao menos uma leve esperanza, que nos possa minorar em parte,

O assumpto que vamos tratar por alto, merece a nosso vêr, a seria attenção dos Srs. ministros, que se devem lembrar, de uma vez e para sempre, que procurar o bem estar de uma nação, a sua prosperidade e o bom andamento dos negocios publicos, não é cousa insignificante, uma simples frioleira, mas sim um dever sagrado e uma obrigação que o povo exige daquelles a quem estão confiados os seus destinos.

Se o amor pelas cousas do Brasil nao reinar nos corações daquelles, que tudo podem, para que sustental-os por mais tempo com as redeas do governo?

Para que servem os homens dos altos cargos do estado, quando lhes falta a energia precisa, o tino de mestre nas grandes urgencias e o zelo do bem em geral? Para nada, com certeza.

E' tempo porém, que os homens das fardas bordadas despertem por uma vez do profundo somno, que tem constantemente dormido, e attentem nas poucas vergonhas, que se estão dando por ahi, motivadas pela falta de trocos, para por este modo acudirem aos brados e reclamações de um povo que se exaspera e diz á boca cheia—Não temos homens, que nos governem, e que curem do bem publico, ao contrario temos mandões unicamente para ostentação e luxo só com a mira no interesse pessoal e nada mais!

O que é certo e mais que verdade, é, que não vemos se não girar de mão em mão notas de 10, 20 e 30 mil reis, porque o dinheiro de cobre desapareceu da circulação, o que nos faz crer que um terrivel monopolio esta sendo exercido pelos *ladroes de casaca* revertendo por consequencia em um grande atrazo, não só para o commercio, mas para toda a sociedade em geral, que se vê a maior parte das vezes nas apuradas circumstancias de perder tempo em procurar troco de dinheiro, pedindo quasi pelo amor de Deus, e em uma grande parte das vezes ver baldados os seus passos, vendo-se obrigado a não comprar objectos de necessidade, reflectindo-se por isso no negociante, que deixa por isso de vender a sua fazenda.

Se os Srs. ministros costumão lêr os jornaes da localidade, por certo que devem ter reparado nos annuncios que se tem publicado ha tempos a esta parte, sobre a compra de cobre. Pergunto não serão estes annuncios por ventura um meio para os especuladores caçarem os trocos e depois imporem o agio a seu bel prazer!

Se VV. EEx. sabem disto, porque se não dispoem a decepár pela raiz o mal, que progride consideravelmente e que se pôde tornar assaz prejudicial?

Porque não cortão VV. EExs. as azas e unhas desses abutres insaciaveis para não voarem mais alem, impedindo-lhes que não lancem as aguçadas garras nesse pouco que ainda resta, mas que elles desejão devorar como a aguia carnívora á sua preza?

Para os grandes males, senhores, remedios energicos.

Por vezes já temos sido teste nunhas de certos desaguisados entre vendedores e compradores por causa de trocos; por isso achámos conveniente, para que não haja a lamen-

ar alguma occorrença de futuro, que baixem dos homens a quem tudo cumpre ordens terminantes para que cessem os abusos remediando do melhor modo possível a crise terrível porque estamos passando desgraçadamente.

Consta-nos que o exercito e empregados publicos são pagos pelo thesouro em pratas miudas, espalhando-se assim uma porção de contos de réis, na circulação; mas de que serve se esses contos de pratas pequenas, dentro em pouco são prezas dos especuladores *ladroes de casaca*!

Não é nosso intento aconselharmos o governo imperial a que tome estas ou aquellas medidas, nem lh'as indicamos, que fôra chocar-lhe o melindre, mas como membros dessa desgraçada sociedade e como apostolos da imprensa, é do nosso dever bradar bem alto e reclamar providencias a que o povo tem jus por dever e por direito.

Mal de nós se a especulação andar repimpada no coupé da aristocracia governativa; mal de nós com certeza, porque então será o mesmo que pregar no deserto.

Quizeramos que os ministros olhassem com mais consideração para o bem publico, e não se resumissem em andar tão sómente por essas ruas encaixados nas fofas almofadas de seus carros, acompanhados de correios e ordenanças, e com a consciencia tranquilla, como se tudo fosse ás mil maravilhas.

E' tempo, pois, senhores, tornamos a repetir, de acordar para attender ás reclamações que o povo requer: deixemo-nos de considerações, de patronatos e de fazer a vista grossa a tanto desaforo, que por ahi se dá. Se o povo brasileiro é por essencia cordato e pacifico, quem sabe se mais tarde, por muito supportar, não o veremos na dura necessidade de romper e sabir dos limites da sua muita prudencia para reclamar o que lhes negão aquelles a quem tudo cumpria fazer. Eia, senhores, as lides, fadigas e cuidados do Estado que tanto vos devem preoccupar, oxalá não sejão d'ora avante substituidas pelo descanso e desmazêlo, como até aqui. Attendão ao antigo adagio: — Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle.

Mais um de Casaca.

Este vem de *coupé* e traz lacaio, abandonou o resto da comitiva, porque desejava caminhar para certo morro nas imediações do Sacco do Alferes, afim de ver se avista a negra Benedicta.

E quem é a Benedicta?

E' uma sua escrava, que depois de ter tido relação com este *B... de Pint'-Alegrete* e quando o fructo destes illicitos amores contava já annos, foi a negra alugada, e a filha, esta pardinha vive em casa do altivo aristocrata, ao lado de sua filha legitima!

Pensará elle que a sua vida de hontem, de hoje, de todos os dias, não será exposta á luz meridiana?

Não ouvimos nós por ventura as queixas da viuva Folco, que havendo dado a este *ladão de casaca* em 1862 a quantia de 3:000\$000 rs. para que elle a depositasse em um banco, não só perdeu este dinheiro, pois que vio-se obrigada a receber em pagamento della uma letra de 2:000\$000 rs. aceita por um despachante, e outra de 1:000\$000 rs de um negociante fallido ha 4 annos, como também ainda foi seu filho coagido a passar recibo por saldo de contas.

E' um *ladão de casaca*: duvidão?!

Louco de amores por uma baroneza, que é do sul, nas imediações de *Uruguayna*, apenas conseguirá este consorcio, caso queira dotal-a com a *ninharia* de 400 contos.

Quanto ao mais; sim, quanto á sua vida passada, ao lustre *titular* de sua *casaca* Deus sabe que difficuldade não encontrou elle para *envernisar* uma *corôa* em seu *coupé*!

Quarenta contos!.....

E' um *ladão de casaca*, aspira subir mais: quer ser camarista, mas nós o asseguramos, que nunca o será!

Sim: porque a nobreza de uma *côrte* não deve ser manchada pela degradação de um libertino, de um homem que transpoz a senda da perversão, que elevou-se á *escalla do vício*!

Havemos desmacaral-o: havemos altivos a pontal-o em sua passagem dizendo ao povo; Fugi! é um *ladão de casaca* que passa!

(Continua.)

As ordens terceiras.

Que quadro repugnante offerece a nossos olhos a mais bella, a mais grandiosa das instituições!

Faz horrorisar e afugenta a qualquer individuo, que, pretendendo achar um abrigo para quando fôr necessário, no seio das ordens terceiras, se lembrar que só vai encontrar alli mais um flagello para si; porque essas ordens, em vez de cumprirem religiosamente os fins para que forão creadas protegem escandalosamente a ociosidade, sustenta vícios e anima a prostituição.

Não queremos offender na totalidade aos membros das ordens terceiras, porem não isentamos a nenhum de nossas censuras, porque, se uns peccão, outros o deixão peccar sem zelar como lhes cumpre os interesses das ordens.

Não queremos dizer com isto que tanta culpa tem uns como outros, porém não podemos também deixar de condemnar aquelles que não se oppoem aos maus actos, ainda mesmo por uma confiança mal entendida.

A *caridade* exercida pelas ordens terceiras não é caridade, são favores feitos a pessoas não necessitadas, com prejuizo de outras verdadeiramente precisadas, pois o pão que a estas devia ser dado, tira-se para se dar em pagamento dos vícios vergonhosos daquellas.

Tudo isto porque se não trata de investigar como e a quem são distribuidas as esmolos que as ordens terceiras determinão para os irmãos necessitados.

Nós discutiremos isto mais amplamente, e demonstraremos factos que causão nojo praticados pelos *ladroes de casaca*.

Todo o assignante de anno, fica com direito de publicar o que lhe convier gratis, a redacção não é responsavel por qualquer artigo, e sim o editor da folha. Preço da assignatura um anno 12\$, seis mezes 6\$, trimestre 3\$, folha avulsa 320 rs.; vende-se e assigna-se á rua do Senhor dos Passos n. 141.